

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXV nº 1377 | 27/02/2017 a 05/03/2017

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

VINICULTURA

VIVA O VINHO PARANAENSE

Produtores apostam na introdução
de variedades de uvas finas
europeias para ganhar mercado

sistemafaep.org.br

Aos Leitores

A divulgação dos resultados do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PRS) de 2016, que mostram uma melhora em relação a 2015, indica uma mudança ainda tímida, mas positiva para os produtores, que nos últimos tempos ficavam sem parte da subvenção federal.

Mas a luta por condições de produção mais condizentes com a realidade brasileira, entidades do agronegócio da região Sul, entre elas a FAEP, propuseram a criação do programa ABC Ambiental. O objetivo do projeto é incentivar produtores a adequarem suas propriedades à legislação ambiental do país.

Nesta edição, também contamos a história dos irmãos Antonio e Marcelo Grisi, que apostaram no uso do sistema de Integração Lavoura-Pecuária (ILP) para transformar a Fazenda Santa Nice em um modelo de gestão, produtividade e rentabilidade.

E contamos ainda como produtores de vinho paranaenses apostam na introdução de uvas finas europeias para ganhar mercado no país.

Uma boa leitura.

Expediente

• FAEP - Federação de Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Nelson Teodoro de Oliveira, Francisco Carlos do Nascimento, Oraldi Caldato, Ivo Pierin Júnior e Paulo Roberto Orso | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita **Diretores Financeiros:** João Luiz Rodrigues Biscaia e Julio Cesar Meneguetti | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santaroza, Lauro Lopes e Ana Thereza da Costa Ribeiro | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, João Luiz Rodrigues Biscaia, Francisco Carlos do Nascimento e Renato Antônio Fontana

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** Ademir Mueller - FETAEP, Rosanne Curí Zarattini - SENAR AC, Darci Piana - FECOMÉRCIO e Wilson Thiesen - OCEPAR | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santaroza, Paulo José Buso Junior e Marcos Junior Brambilla | **Superintendência:** Humberto Malucelli Neto

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social: Cynthia Calderon |

Edição: Ricardo Medeiros

Redação e Revisão: Hemely Cardoso, André Amorim e Carlos Guimarães Filho | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Diogo Figueira

Publicação semanal editada pelas Assessorias de Comunicação Social (ACS) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Peça-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1377:

Fernando Santos, Rubens Ferreira, Shutterstock,
Divulgação e Arquivo FAEP

ÍNDICE

VINICULTURA

Aposta no vinho paranaense

PAG.22

PECUÁRIA

Angus Jovem

Pág. 4

PROPOSTA

ABC Ambiental

Pág. 6

PRODUTIVIDADE

Pasto turbinado
para criar Nelore

Pág. 8

SEGURO RURAL

Resultados melhoram
em 2016

Pág.14

GRÃOS

Subvenção para
o trigo

Pág.18

O caminho para o fim da crise



Novamente o agronegócio deve bater recorde com uma safra de 215 milhões de toneladas de grãos colocando no mercado R\$ 237,7 bilhões. Dinheiro que vai para o comércio, para a indústria e movimentar a engrenagem para que a recessão não faça estragos ainda maiores.

Mais uma vez é o agronegócio sustentando a balança comercial, gerando emprego, garantindo renda e contribuindo para o desenvolvimento do Brasil. O que significa que o produtor rural tem se esforçado para produzir cada vez mais e melhor.

Pena que da porteira para fora, o governo federal ainda não se atentou para isso. O agronegócio é o setor com capacidade rápida de resposta para a crise econômica. Não deu importância ao fato de que o setor que movimentar a economia precisa escoar sua safra e distribuir sua produção por ferrovias, rodovias, portos, aeroportos e hidrovias.

Em seus nove meses, o atual governo não anunciou investimento em nenhuma obra que mostre uma retomada

de um programa nessa área. A realização de obras necessárias para o país seria também um indutor da economia.

Por outro lado, apesar de não termos tido a recuperação econômica desejada, há medidas que são importantes e que foram tomadas pelo governo Temer.

São reformas estruturais que estão resultando em recuperação dos cofres públicos que estavam desfalcados, embora não surtam os resultados imediatos. É claro que temos pressa que a economia reaqueça.

A demora nos leva a dar passos para trás, embora, às vezes, eles sejam necessários para que possamos seguir o caminho com segurança. Não podemos negar que o governo federal conseguiu vitórias importantes no Congresso, que devem favorecer investimentos e criar condições necessárias para que a economia volte a crescer.

A PEC 55/2016, que limita o gasto público à inflação do ano anterior por um período de 20 anos, demonstra austeridade para evitar no plano federal situações de caos como a que estamos vendo

em alguns estados, em que funcionários públicos estão com salários atrasados e não receberam nem o 13.º salário.

O governo, seja federal, estadual ou municipal, terá de planejar seus gastos para minimizar o endividamento e permitir a retomada de investimentos.

Quando o Governo corta 3.690 cargos de confiança e economiza R\$ 176 milhões está sinalizando para uma máquina mais enxuta, direcionando o dinheiro para áreas prioritárias.

A nova Lei de Responsabilidade das Estatais trouxe seriedade e evita indicações políticas no comando de empresas públicas. A medida proíbe que pessoas com atuação partidária e cargos públicos ocupem postos de direção das estatais.

São avanços em questões cruciais para um crescimento seguro e sustentável. Embora não deem os resultados esperados a curto prazo.

Temos de pensar no futuro. É isso que faz a Medida Provisória 746/16. Ente outras mudanças, ela deixa as crianças mais tempo na sala de aula. Reformar a educação é prioritário para quem quer novas gerações mais preparadas e com conhecimento.

São medidas que demonstram seriedade com a coisa pública e transmitem segurança aos investidores. O estrago deixado pelo governo Dilma foi grande. A má gestão deixou marcas profundas que não são de fácil solução. Não se recoloca 12 milhões de pessoas no mercado de trabalho de um dia para o outro.

Teremos que continuar a exercitar um pouco mais a nossa paciência. Há sinais de novos tempos, embora o céu ainda permaneça nublado e o sol oculto como numa tarde de outono.

Ágide Meneguette

Presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR



Rodrigo Arnt, coordenador do Angus Jovem no Paraná

Futuro da pecuária

De olho na sucessão nas propriedades rurais, grupo reúne jovens entusiastas da raça Angus para formar nova geração de criadores

A sucessão familiar nas propriedades e a manutenção da oferta de mão de obra técnica para as atividades rurais são preocupações constantes no agronegócio. Porém, se de um lado muitos jovens abandonam o campo em busca de oportunidades nas cidades, existem também os que têm convicção no futuro da agropecuária e, desde cedo, se envolvem nas atividades que pretendem desenvolver.

Atenta às necessidades do campo e atenta às novidades tecnológicas que surgem cada vez mais rápido, essa nova geração está se organizando em movimentos com objetivo de garantir um lugar de destaque no mercado, sem

deixar para depois da faculdade a vivência profissional.

Um exemplo desse movimento é a Comissão Angus Jovem, criada no ano passado por sugestão da Associação Brasileira de Angus (entidade que reúne criadores da raça de gado Aberdeen Angus no país), com objetivo de trabalhar a sucessão familiar entre os pecuaristas. Formada em sua maioria por estudantes universitários e jovens interessados pela raça, o grupo paranaense foi composto durante a última Expointer, feira agropecuária realizada em Esteio, no Rio Grande do Sul, em agosto de 2016. "Foi tudo muito rápido, a associação postou a inscrição na internet e mais de 400



Eduardo Pasqua: "Oportunidade única de trocar experiências"

jovens de todo Brasil se inscreveram. Eu peguei as inscrições que eram do Paraná e começamos o movimento aqui no Estado", conta o coordenador do grupo Angus Jovem paranaense, Rodrigo Arnt.

Segundo ele, o Angus Jovem do Paraná conta com 30 participantes e já é o segundo maior do Brasil, atrás apenas do Rio Grande do Sul, onde a criação da raça é bastante tradicional. Outros grupos foram formados em São Paulo, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. "Para participar não precisa ser agrônomo, nem veterinário ou zootecnista, basta ter vontade de conhecer mais sobre a raça", afirma Arnt, que aos 20 anos, estuda Negócios Internacionais em uma faculdade em Curitiba.

"Todo mundo sempre me falou que eu tinha de ser agrônomo ou veterinário, mas e a gestão? Então preferi me especializar em gestão e empreendedorismo", conta Arnt, cujo interesse pela raça surgiu depois que sua família começou a criar angus em 2012.

A mobilização do grupo se dá quase que exclusivamente por meio das redes sociais, como Facebook, ferramentas com as quais essa geração tem grande intimidade. "Nosso grupo no whatsapp tem 222 pessoas de

tudo Brasil e até de outros países", diz. Por meio destas redes, os integrantes organizam ações, como foi o caso da participação do grupo no último Show Rural Coopavel, realizado em Cascavel no início de fevereiro. Nesta primeira ação do Angus Jovem paranaense, a organização da produção de camisetas e de outros materiais ocorreu por meio das teclas do telefone celular.

"Os jovens estão cheios de ideias novas e são participativos, querem se entrosar. Isso gera uma simbiose importante", avalia o presidente da Associação Brasileira de Angus, José Roberto Pires Weber. Segundo ele, a iniciativa é uma forma de estimular a renovação da entidade.

Do ponto de vista dos jovens, trata-se de uma oportunidade rara para construir uma rede de contatos profissionais. "Esse nível de networking você dificilmente conseguiria de outra forma", observa Arnt, referindo-se aos contatos dos jovens com produtores e técnicos experientes.

"A convivência, o bate-papo, tudo isso ajuda muito. Também temos acesso a muitos cursos e palestras muito interessantes sobre a raça", diz Eduardo Luiz Della Pasqua, estudante de veterinária e responsável pelas ações do Angus Jovem na região Oeste do Paraná. Ele conta que atualmente está negociando uma parceria com uma instituição de ensino para a realização de cursos sobre a raça. Outras atividades que deverão ser realizadas pelo grupo este ano são os "giros", espécie de dia de campo pecuário em que os jovens visitam diversas propriedades de criadores para conhecer de perto os sistemas de produção. Pasqua já atua na prática com a criação de angus na propriedade da família em Medianeira (região Oeste).

Segundo ele, a adesão de novos integrantes ainda se dá na base do "boca a boca", mas os resultados já estão aparecendo. "Só no Show Rural ganhamos dois novos membros", comemora.

Este ano o grupo deve participar ainda do Leilão Araucária, em Ponta Grossa (região dos Campos Gerais), e do Show Pecuário, em Cascavel (Oeste). "Ano que vem queremos estar presentes em mais feiras", diz Rodrigo Arnt.

Como participar

Para participar do movimento, não há limite de idade, basta realizar inscrição pelo site da Associação Brasileira de Angus (angus.org.br), ou pelo e-mail rodrigoarnt@gmail.com

Entidades do Sul propõem criação do ABC Ambiental

Programa com taxa de juros mais acessível seria incluído no PAP 2017/18, para facilitar a adequação dos produtores à legislação ambiental

O Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC), lançado pelo governo federal na safra 2010/11 para incentivar a adoção de práticas agrícolas sustentáveis, pode ganhar um complemento a partir da temporada 2017/18. Cinco entidades do agronegócio da região Sul – FAEP, as federações de Santa Catarina (FAESC) e do Rio Grande do Sul (FARSUL), a Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (Seab) e a Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar) – elaboraram uma proposta para a criação do programa ABC Ambiental, com taxas de juros mais acessíveis, para ser incluído pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) no Plano Agrícola e Pecuário (PAP) 2017/18. A medida irá favorecer e incentivar produtores a adequarem suas propriedades à legislação ambiental vigente.

Além de abrir uma nova linha de crédito para viabilizar a adoção das práticas conservacionistas, o ABC Ambiental também permitiria a retomada do Programa ABC, que não passou ileso à crise econômica dos últimos anos. De acordo com dados do Banco do Brasil, principal agente financeiri-

do do agronegócio nacional, a contratação de operações via ABC despencou no Estado na última temporada agrícola. Na safra 2015/16, foram 159 contratos realizados, no valor de R\$ 25,5 milhões, contra 854 contratos, no montante total de R\$ 138,7 milhões, na temporada 2014/15.

“O ABC Ambiental permitiria alavancar o Programa ABC e também reforçaria as questões ambientais a partir de um incentivo de crédito diferenciado. Com o dinheiro mais barato, acreditamos que os produtores irão avançar em diversos pontos de conservação de solo e água, entre outras coisas ligadas ao meio ambiente”, explica Carla Beck, engenheira agrônoma do Departamento Técnico e Econômico (DTE) da FAEP.

A proposta das entidades é de que o dinheiro via ABC Ambiental tenha taxas de juros de 3,5% ao ano. No PAP 2016/17, os juros do programa ABC foram de 8,5% ao ano. “Com essa taxa alta, os produtores acabaram migrando para outras linhas mais baratas e com menos exigências”, destaca Carla.



Medidas

Veja como o ABC Ambiental, caso adotado pelo Mapa, poderá ser utilizado pelos produtores:

Terraço

Implantação e melhoramento de curvas de nível e terraceamento já são contempladas no Programa ABC. A proposta é incluir crédito para a manutenção dessas técnicas.

Georreferenciamento

Financiamento para a elaboração de projetos de georreferenciamento do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), obrigatório a partir de novembro de 2017 para propriedades maiores que 100 hectares. Atualmente, os bancos exigem a certificação da área para averbação da hipoteca, operação com custo elevado, envolvendo itens financiáveis como a contratação de técnicos, de projeto, marcos referencias, entre outros fatores.

PRA

Produtores que já tenham realizado o Cadastro Ambiental Rural (CAR) possam implantar a regularização da propriedade com o Programa de Regularização Ambiental (PRA).

Biodigestor

Contratação de assistência técnica, com prazo de pelo menos dois anos, para implantação de sistemas de tratamento de dejetos e biodigestores nas propriedades rurais. E o uso do recurso para análise de composição química de dejetos de resíduos sólidos e líquidos para utilização como fertilizantes.

Cana-de-açúcar

Adequação dos produtores rurais de cana-de-açúcar, que por determinação do Decreto n.º 2.661/1998, deverão substituir a colheita manual (com queima de cana) pela colheita mecanizada até 2021 – em ao menos 60% da área do Paraná.

Energia

Financiamento de projetos de energias eólica e solar, incluindo a aquisição de placas fotovoltaicas, geradores eólicos, equipamentos de tratamento de água e esgoto e ampliação de fontes de energias alternativas na matriz elétrica brasileira.

Mais dinheiro para a redução dos gases de efeito estufa

Dentro das propostas formuladas pelas cinco entidades do agronegócio da região Sul, algumas fazem parte da estratégia para redução da emissão de gases de efeito estufa na agricultura, a partir de recursos disponíveis no Programa ABC.

A proposta principal é aumentar os recursos para esse fim, dos R\$ 2,99 bilhões da safra atual para R\$ 5 bilhões no PAP 2017/18. Ainda, reduzir a taxa de juros dos financiamentos de 8,5% para 5% ao ano.

Para fechar o pacote, a ideia é incluir estufas para produção de frutas e hortaliças como item financiável do programa. Isso porque o cultivo em sistema de estufas permite, dependendo da espécie, redução de até 70% no número de pulverizações de agroquímicos.

Referência na criação de Nelore em pasto turbinado

Fazenda Santa Nice, em Amaporã, investe no uso do sistema de Integração Lavoura-Pecuária (ILP) e no aprimoramento genético dos animais

Por Hemely Cardoso

A fragilidade do solo do Arenito Caiuá, na região Noroeste do Estado, não foi empecilho para os irmãos Antonio e Marcelo Grisi transformarem a Fazenda Santa Nice, em Amaporã, num modelo de gestão, produtividade e rentabilidade. O gerenciamento empresarial aliado ao manejo do solo, com o uso do sistema de Integração Lavoura-Pecuária (ILP) e investimento em genética, permitiram a elevação do nível da qualidade da carne produzida na propriedade, de 7,5 mil hectares, a patamares surpreendentes, pouco vistos na região – e até mesmo na pecuária de corte nacional.

Com um plantel de cerca de 1,5 mil vacas Nelore PO (a elite da raça), Antonio e Marcelo criam animais com qualidade de carcaça superiores. No quesito marmoreio, por exemplo, que é a gordura entremeada entre a carne, os resultados foram surpreendentes: aproximadamente 35% das fêmeas, entre 17 e 19 meses, avaliadas nas últimas quatro safras (a pasto) apresentaram escore acima de 3% – nível considerado de qualidade para os padrões internacionais (*choice*). Além disso, há novilhas PO que alcançaram a marca de 5% no marmoreio, porcentual extraordinário até para raças taurinas (a média da raça Nelore fica em torno de 1%). “O Nelore com marmoreio já é uma realidade”,





afirma Antonio. A gordura entremeada favorece as características sensoriais da carne, como maciez, sabor e suculência, atributos comuns nas raças britânicas, como a Angus.

Tonico, como Antonio é chamado, conta que a lotação nas áreas intensificadas (adubadas) atinge, em média, quatro unidades animais (UA) por hectare no verão (cada UA/ha = 1 animal com 450 quilos de peso vivo) e 1,2 UA/ha durante o inverno, com uma produção entre 27 a 31 arrobas de carne por hectare/ano. Os números representam um ponto fora da curva da pecuária brasileira, isso porque a média nacional de lotação é de 0,5 UA/ha e a produção gira em torno de 3,9 arrobas de carne por hectare/ano, segundo dados da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Enquanto o gado PO é 100% criado no pasto, o rebanho de corte é terminado no confinamento no qual permanece cerca de 90 dias. O abate ocorre abaixo dos 24 meses, com uma média de 18 arrobas.

Uma das fórmulas para atingir esses altos índices de produtividade é o manejo das pastagens. São 2.919 hectares de pastagens de sequeiro permanentes, divididos em 70 módulos rotacionados, com área média de 41,7 hectares cada, separados em cinco a seis piquetes de sete a oito hectares. Uma parte desses módulos é ocupada por vacas PO. A outra, mais intensiva, formada com os capins Tifton, Mombaça e Tanzânia, é adubada regularmente e destinada à recria, sustentando lotações de 4 UA/ha no verão e 1,2 UA/ha no inverno. “Buscamos investir em pastos de qualidade e na capacitação da equipe para que o manejo seja adequado, o que é determinante para a obtenção de bons ganhos”, afirma Marcelo.

Na parte de recria, por exemplo, as gramíneas Mombaça e Tanzânia ocupam cerca de 30% da área. Em outra parte da fazenda, eles cultivam diversas espécies de braquiárias, como a Piatã e a MG-5. “O pecuarista precisa cuidar dos seus pastos, assim como o agricultor faz com suas lavouras. A arroba mais barata é aquela produzida a pasto”, diz Tônico.

A rotação e manejo adequado dos pastos aliados ao trabalho do melhoramento genético garantiram, em 2014, que o peso médio dos machos PO atingisse 158 quilos aos 120 dias de vida, 267 quilos durante a desmama (sem o uso do creep-feeding, que destina cocho privativo, dentro de um cercado, no qual só o bezerro tem acesso) e 424 quilos aos 16 meses.



Integração

A integração entre as pastagens e outras culturas funciona bem na Fazenda Santa Nice. Desde 2006, os irmãos cultivam mandioca e sorgo nas áreas de pastagens que serão reformadas. No ano passado, por meio de uma parceria com a Cooperativa Cocamar, de Maringá, iniciaram uma nova etapa de intensificação na pecuária, com o sistema de ILP irrigado, alternando com os cultivos de soja e milho. De acordo com Marcelo, a intenção é elevar a produtividade de forma sustentável, com o uso do Sistema Plantio Direto (SPD) e o cultivo de outras culturas que contribuam para melhorar a fertilidade da terra, numa região onde o solo é arenoso e pobre em matéria orgânica.

O pontapé inicial do projeto ocorreu numa área de 190 hectares, metade dela com plantio de soja. Cerca de 25 dias antes da colheita, quando a soja começou a amarelar, fez-se a semeadura da forrageira *Brachiaria ruziziensis* a lanço (quando as sementes são colocadas sobre o solo e precisam ser logo enterradas). Após a colheita da oleaginosa, o capim toma rapidamente a área, que, em seguida, é ocupada com animais de corte por 129 dias. “Em meados de agosto, esses animais saem do Pivot para dar lugar a uma nova cultura, que nesse ano foi o milho para a produção de silagem de grão úmido, plantado no sistema com capim Piatã”, explica Tonico.

A integração entre as duas atividades elevou a produtividade do solo e os irmãos já colheram bons frutos com o novo sistema. Na primeira temporada da soja, no ano pas-

sado, uma parte da área destinada à cultura foi prejudicada devido ao excesso de chuvas, mas, em compensação, na outra a produtividade atingiu 71 sacas da oleaginosa por hectare. A média de produção no Paraná é de 58 sacas de soja por hectare e de 54 sacas na região do Arenito Caiuá, segundo dados do Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria da Agricultura e Abastecimento (Seab). Pelas contas de Tonico, a integração gerou um lucro médio de R\$ 2,4 mil por hectare/ano, sendo R\$ 1,4 mil com a agricultura e R\$ 1,1 mil com o boi safrinha, no qual a fazenda teve um custo ao redor de R\$ 56 pela arroba engordada.

Genética

O segredo para o sucesso na atividade também está relacionado à genética. A seleção do gado Nelore teve início em 1944, com o produtor Oscar Martinez, antigo proprietário da fazenda. Em 1983, Antonio Grisi Filho (falecido em 2003) comprou a Santa Nice e deu continuidade à seleção do rebanho, focada na produção de touros, matrizes e embriões de alto potencial genético.

Desde 1998, a Fazenda Santa Nice conta com o apoio do Programa Geneplus Embrapa de Melhoramento de Gado de Corte, que por meio de um banco de dados, possibilita o monitoramento detalhado e individual dos animais. “Essa ferramenta garante uma evolução genética do rebanho, na qual trabalhamos a produção de animais funcionais, rústicos, em modelo de carcaça moderno, com bom acabamento e com maior quantidade de carne de qualidade”, afirma Tonico.

Além do Geneplus, em 2012, os irmãos Grisi ingressaram no Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos, da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ).

Há 10 anos, a Fazenda Santa Nice foi uma das pioneiras no país ao avaliar carcaças e a carne por meio de ultrassonografia nos machos e fêmeas de cada safra. Pela tecnologia, os Grisi conseguem identificar o nível de musculosidade, da gordura de acabamento e o grau de marmorização, sem a necessidade de abater o animal. Com a ultrassonografia, é possível avaliar, no animal vivo, a área de olho de lombo, a espessura de gordura subcutânea e o marmoreio, características que determinam o processo de melhoramento genético.

A cada safra, a fazenda coleta quase 40 mil informações dos seus animais, que são separados em grupos de acordo com a época de nascimento e a categoria a qual descendem (filhos de fêmeas super precoces, precoces, primíparas, múltiparas e fertilização in vitro – FIV). O trabalho de seleção também tem focado em novas frentes, como a DEP Genômica (marcadores moleculares) e a eficiência alimentar com o objetivo de aumentar a acurácia de seleção e escolher indivíduos mais eficientes na conversão do alimento ingerido em carne.

Big Ben

Graças ao trabalho no melhoramento genético do rebanho PO, os irmãos acabaram formando um plantel de touros reprodutores grandes da raça Nelore. É o caso do touro Big Ben, que se tornou um ícone no país. Ao longo dos sete anos de vida, o animal foi recordista na comercialização de sêmen, com mais de 270 mil doses. Além de Big Ben, a fazenda teve recentemente animais provados, como Belgrado da Santa Nice, Barac, Rausor, Índice e Hassan, que, juntos, produziram quase 500 mil doses de sêmen nos últimos anos.

Gestão

A boa gestão faz a diferença na viabilidade pecuária, cujas margens de retorno são apertadas. Por meio de um sistema de gerenciamento empresarial, Antonio e Marcelo têm os números produtivos e financeiros da fazenda nas mãos e fazem uso dos mesmos para uma gestão ativa. Os irmãos, ambos formados em Administração, contam com uma equipe de 27 funcionários, além da assistência técnica permanente na propriedade.

Marcelo e Tonico: integração entre pastagens e outras culturas funciona bem

A Guerra d

Briga por causa da venda de um pente provocou três dias de quebra-quebra nas ruas de Curitiba



Um simples pente foi suficiente para provocar uma revolta popular, que tomou as ruas do centro de Curitiba, há quase 60 anos. Durante três dias houve quebra-quebra, tumulto e um saldo de dois mortos (segundo noticiaram jornais da época, mas que não aparecem nas estatísticas oficiais), muitos feridos e diversas detenções. O Exército foi chamado para colocar ordem naqueles dias de dezembro de 1959, depois que a polícia não conseguiu acabar com o conflito.

A Guerra do Pente, como ficou conhecida, começou no dia 8 de dezembro, quando o subtenente da Polícia Militar Antônio Tavares entrou no Bazar Centenário, que ficava próximo à Praça Tiradentes, para comprar um pente. Na época, o então governador Moisés Lupion havia lançado uma campanha para aumentar a arrecadação de impostos no Estado, chamada Seu Talão Vale 1 Milhão. Quem juntasse

o Pente

Cr\$ 3 mil (R\$ 1,10 em valores atuais) em notas fiscais poderia trocá-las por um cupom para concorrer a um prêmio de Cr\$ 1 milhão (cerca de R\$ 360 mil). Tavares exigiu a nota fiscal da compra de Cr\$ 15. O dono do bazar, o libanês Ahmed Najar, se negou a emitir a nota. Pela legislação da época, os comerciantes não eram obrigados a fornecer notas fiscais abaixo de determinado valor.

Foi o estopim para a confusão. Najar e Tavares começaram a brigar e o policial teve a perna quebrada. Ele foi retirado pelos seguranças da loja. As pessoas que circulavam ou aguardavam ônibus perto do estabelecimento viram a cena e tomaram partido de Tavares. O quebra-quebra teve início. Em três dias, 120 lojas foram depredadas, principalmente o comércio dos “turcos”, como os imigrantes de origem árabe eram chamados.

Não havia liderança entre os revoltosos. Os alvos eram principalmente comerciantes ricos, mas também pipoqueiros e ambulantes tiveram seus bens danificados. Historiadores relatam que a baderna impediu, inclusive, o desfile da tropa brasileira (Batalhão de Suez) que havia atuado no Oriente Médio,

sob o comando da Organização das Nações Unidas (ONU), para garantir a paz entre Egito e Israel. Isso porque o batalhão agiu em uma região árabe.

A confusão nas ruas de Curitiba também registrou momentos pitorescos, como quando um tanque do Exército, usado para inibir os protestos, quebrou e parte dos revoltosos parou para empurrar. Outra faceta curiosa relatada por pesquisadores do conflito era a artimanha usada pela turba para enganar policiais que faziam a guarda do centro. Assim que avistavam as forças de segurança, as pessoas paravam em fila como se estivessem esperando

a chegada de um ônibus. Depois que a polícia passava, eles voltavam a provocar desordens.

A Guerra do Pente só terminou, segundo historiadores, por causa da comoção pela morte do senador Abilon de Sousa Naves. Favorito à sucessão de Moisés Lupion no governo do Estado, Souza Naves teve um enfarte e morreu durante um jantar na Sociedade Morgenau, no bairro Cristo Rei, em Curitiba. Sua morte tomou as páginas dos jornais da época, tirando o foco das revoltas, o que acabou enfraquecendo as manifestações, que finalmente foram controladas.



Resultados de 2016 melhoram, mas ficam longe dos obtidos em 2014

Paraná continua na liderança no país e Cornélio Procópio comanda o ranking no Estado



Por **Pedro Loyola**
Economista e Coord. DTE/FAEP

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) divulgou os resultados de 2016 do Programa de Subvenção ao Prêmio do Seguro Rural (PSR). Foram liberados R\$ 396,9 milhões no PSR, valor que atendeu

apenas um terço da demanda solicitada pelo setor produtivo para o país, que era de R\$ 1,2 bilhão. A dotação orçamentária permitiu que 47.353 produtores fossem beneficiados, numa área de 5,6 milhões de hectares segurados (equivalente a 8% da área agrícola brasileira) com importância segurada de R\$ 13,26 bilhões.

Ano passado, o programa havia passado por um corte de orçamento significativo, que deixou milhares de produtores sem acesso à subvenção e com uma conta estimada em R\$ 450 milhões de prêmio que o governo federal não assumiu e coube aos produtores quitarem. Em 2014, no auge do programa, com orçamento de R\$ 693,8 milhões, permitiu o acesso ao seguro de 117.598 apólices, numa área de 9,8 milhões de hectares. O orçamento de 2017 repete os R\$ 400 milhões do ano passado, pouco pela importância da agropecuária no motor da economia brasileira.

BRASIL - SEGURO RURAL PSR - COMPARAÇÃO ENTRE 2014 E 2016

	2014	2016	Evolução (%)
Orçamento Subvenção R\$ milhões	689,1	396,9	- 42%
Produtores (unid.)	73.514	47.942	- 34,8
Apólices (unid.)	117.598	76.053	-35,3
Área (milhões hectares)	9,8	5,6	-42,8
Importância Segurada (R\$ bilhões)	18,5	13,2	-28,6
Prêmio Bruto (R\$ bilhão)	1,22	0,931	-23,7

Fonte: SPA/MAPA – Elaboração: DTE/FAEP

As culturas que receberam maior aporte de recursos da subvenção foram: soja, com 42,1% (R\$ 167,90 milhões), milho 2.^a safra (18,6%; R\$ 74,07 milhões), trigo (10,8%; R\$ 42,93 milhões), maçã (8,7%; R\$ 34,85 milhões) e uva (6,4%; R\$ 25,64 milhões). Essas culturas consumiram 86,7% (R\$ 345,38 milhões) do total de recursos disponibilizados pelo programa, beneficiando 47.353 produtores (98,6% do total). Tomate, arroz, café e cebola aparecem também no ranking das dez culturas com mais contratos de seguro rural no país.

Liderança

O Paraná continua líder na contratação de seguro rural, seguido por Rio Grande do Sul e São Paulo. Em torno de 32% de toda a subvenção e das apólices de seguro rural do país são realizadas no Estado. Em 2016, os produtores paranaenses contrataram 30 mil apólices para uma área segurada de quase 2 milhões de hectares e valor segurado total de R\$ 3,2 bilhões.

Ranking do Estado

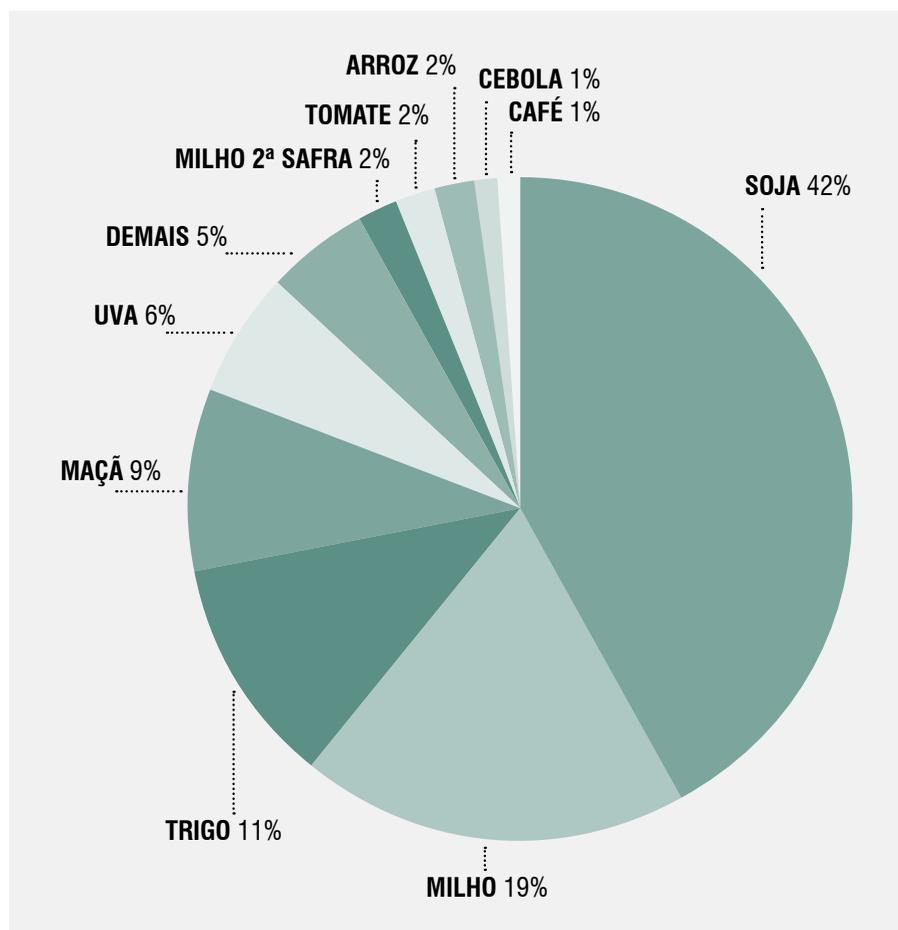
Os dez municípios que mais contrataram seguro rural no Paraná: Cornélio Procópio, Maringá, Londrina, Campo Mourão, Cascavel, Toledo, Assis Chateaubriand, Palotina, Goioerê e Ivaiporã. Em Cornélio Procópio (região Norte) foram feitas 1.311 apólices em 2016 para uma área segurada de 87.511 hectares e valor segu-

rado de R\$ 117 milhões.

No Paraná, a contratação de seguro do PSR em 2016 ficou concentrada em grãos, com 96,9% das apólices sendo negociadas para soja, milho e trigo, mas frutas como maçã, uva e ameixa começaram a aparecer no ranking.

TOP 10 BRASIL

Contratação no PSR por atividade (*2016)



Fonte: SPA/MAPA - Elaboração: DTE/FAEP - * Participação na subvenção do PSR

Seis avanços do seguro rural em 2016

- 1** O governo federal melhorou a comunicação com o setor privado quando instituiu a Comissão Consultiva do Seguro Rural. A FAEP faz parte dessa comissão representando a CNA junto com a OCB, Fenseg e Fenaber. A comissão solicitou mudanças em regras do seguro rural que foram atendidas durante o ano e estreitou o relacionamento com o Mapa, fazendo com que os recursos fossem utilizados de forma mais racional, possibilitando também atingir uma área maior que a estimada originalmente.
- 2** A liberação de recursos ocorreu no calendário agrícola. As regras de liberação de recursos foram divulgadas com uma antecedência maior que em anos anteriores, mas a expectativa é que o planejamento nos próximos anos seja realizado com maior antecedência.
- 3** Houve a construção da plataforma do Atlas do Seguro Rural, que possibilita a análise de dados do PSR com maior transparência, bem como há indicadores sobre as taxas de prêmio.
- 4** O orçamento inicial de R\$ 400 milhões foi praticamente utilizado.
- 5** Há uma maior concorrência entre as companhias seguradoras, apesar das limitações orçamentárias, o que gera melhores seguros e coberturas aos produtores. Porém devido ao maior risco, estes produtos têm custos maiores, pois ainda não há uma massificação do seguro rural em todo o território nacional.
- 6** Outras unidades da federação estão contratando mais seguro rural devido aos problemas climáticos ocorridos nos últimos anos e isso ajuda a diluir o custo de contratação e reduzir a concentração de risco climático em apenas uma região do país.

Seis desafios do PSR para 2017

- 1** Ampliar e garantir os recursos do PSR conforme a demanda do setor produtivo, estimado em R\$ 1,2 bilhão para o ano civil 2018 e garantir regras transparentes e planejamento para pelo menos três anos, reduzindo as incertezas do mercado.
- 2** Criar sistema de acesso à subvenção pelo produtor rural, garantindo acesso aos recursos e liberdade de escolha pelo produtor da companhia seguradora que melhor atenda suas necessidades.
- 3** Regulamentar o Fundo de Catástrofe, Lei Complementar n.º 137/2010, pois a criação de um Fundo de Reparação das Seguradoras é fundamental para dar estabilidade e reduzir os riscos sistêmicos do programa.
- 4** Aperfeiçoar a central de informações e promover a divulgação por meio de site e outros meios de comunicação dos valores disponíveis para subvenção ao prêmio, bem como, dos prêmios cobrados, produtividade garantida por seguradora, corretores especializados em seguro rural e produtos disponíveis e criar um banco de dados (Cadastro Único do Produtor Agrícola), com a finalidade de reunir as informações dos produtores e fornecer os dados aos interessados autorizados.
- 5** Fomentar a participação dos estados e municípios para que estes constituam seus programas de subvenção, a exemplo do que fazem São Paulo, Paraná e Santa Catarina.
- 6** Ampliar o mercado de seguros rurais nas modalidades pecuária e florestas e criar produtos de seguro para aquicultura.



produtividade esperada ou faturamento esperado. Varia entre 50% e 85% conforme a seguradora e o produto agrícola. Quanto maior o nível de cobertura, maior a proteção oferecida pela apólice. No Paraná, 81,1% dos produtores contrataram seguro rural com faixas de cobertura de 60% e 65% da produtividade. Apenas 20,1% dos produtores adquiriu coberturas de 70% e 75%. Já as faixas de cobertura de 80% e 85%, foram acessadas por apenas 0,34% ou 42 produtores de soja.

Quanto maior o nível da faixa de cobertura da produtividade, maior é a probabilidade de o produtor acionar o gatilho do sinistro e receber indenização em caso de frustração da safra. Uma perda de 20% da produção não aciona o gatilho do sinistro para uma apólice com garantia de cobertura de 60% da produtividade, pois o produtor teria que perder 40% da produção para acessar a indenização do sinistro.

Regra do PSR

As faixas de cobertura maiores têm também, geralmente, custo maior da taxa de prêmio. Porém, a regra que estabelece a subvenção ao prêmio do seguro de grãos do PSR define que quanto maior essa cobertura, menor a subvenção do governo federal. As apólices com coberturas acima de 80% têm custo de prêmio muito maior, mas apenas 35% de

subvenção. No entanto, os seguros com cobertura considerada baixa, na faixa de 60%, tem subvenção de 45%. Além da cobertura e custo menores, a subvenção maior do PSR induz gerentes, corretores e os próprios produtores a optarem por menores coberturas com custo menor ao produtor e ao governo. Especialmente em tempos de preços de grãos baixos, essa opção de “barateamento” do custo do seguro faz mais sentido. Vale lembrar que os preços de trigo e milho não estão remunerando o produtor e a soja tem que pagar a conta de todo o sistema produtivo. O governo deveria fazer uma política neutra neste caso, evitando que o produtor opte pelo preço da apólice em detrimento da qualidade da cobertura.

A FAEP recomenda sempre a contratação de seguros rurais com níveis de cobertura maiores e já propôs ao Mapa para que mantenha uma faixa única de 45% de subvenção para todas as atividades, inclusive grãos, com exceção de trigo, milho de segunda safra e algumas frutas, que deveriam ter subvenção de 60% devido ao alto risco e prêmio do seguro, que com a atual regra inviabiliza a contratação de apólice.

Soja no Paraná

A soja é o carro-chefe da produção agropecuária paranaense. Imbatível no Valor Bruto da Produção (VBP), produção, exportação e também no seguro rural. Foram 12.416 produtores que contrataram seguro rural de soja no Paraná, representando 72,4% de todas as contratações de seguro rural do PSR no Estado. A área segurada foi de 1,19 milhão de hectares, representando 23% da área plantada com a oleaginosa no Estado. Vale lembrar que outra parcela grande de produtores está protegida com o Proagro.

Grande parte dos produtores, 60%, adquiriu seguro com taxa bruta de prêmio (sem subvenção) entre 6% e 8,9%, praticamente o dobro da taxa de Mato Grosso e Goiás, por exemplo, onde o risco de perda de produção é menor. Quando aplicada a subvenção ao prêmio, em média, de 40%, esses produtores paranaenses pagaram taxa líquida de prêmio com subvenção de 3,6% a 5,34%, o que viabilizou a contratação de seguro rural.

O nível de cobertura de um seguro rural refere-se a um percentual de proteção garantido pela apólice aplicável à

Por uma subvenção mais realista ao prêmio do trigo

Desde o início do ano, cereal do pão segue a regra geral dos grãos, com subvenção entre 35% e 45%. Para a FAEP, o ideal seria, no mínimo, 60%

Os produtores do Paraná e de outros estados que apostam no trigo como cultura de inverno torcem para que a reunião do Comitê Gestor do Seguro Rural (CGSR), marcada para março, tenha um desfecho positivo para o setor. No caso, a expectativa é de que o percentual de subvenção ao prêmio do cereal do pão seja reajustado. A medida foi solicitada pela FAEP.

Desde o dia 1.º de janeiro deste ano, o percentual de subvenção ao prêmio para as apólices emitidas para o trigo está seguindo a regra geral para grãos, ou seja, de 35%, 40% ou 45%, dependendo da cobertura contratada. Esses valores foram estabelecidos na Resolução nº 46 do CGSR, em 3 de março de 2016. No ano passado, a subvenção era de 55%, sendo que anteriormente chegou a 70%.

De acordo com o setor, os atuais índices da subvenção são insuficientes, aumentando muito o custo de produção do trigo no país, ainda mais por ser uma cultura de alto risco. O preço médio pago ao produtor pela saca de 60 quilos é de R\$ 31,69 e está abaixo do custo de produção calculado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) – R\$ 38,77 no Rio Grande do Sul e R\$ 40,50 no Paraná – e da Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), de R\$ 38,65.

Ainda, segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), cerca de 60% dos produtores de trigo pagaram prêmio médio de 12% a 19% sobre a importância segurada em 2016, quando o percentual ainda era de 55%. Ou seja, para cada R\$ 100 mil de importância segurada, o triticulor desembolsou entre R\$ 12 mil e R\$ 19 mil bruto



de prêmio no seguro rural. Com a redução do apoio médio da subvenção para 40%, o prêmio líquido com a subvenção pago pelo produtor fica entre 11,4% e 7,2%, valores incompatíveis com o custo de produção, além de inviabilizar a contratação, quando somado aos demais fatores de produção. Isso comprova a necessidade do percentual da subvenção ser, no mínimo, de 60%, índice defendido há dois anos pela

FAEP junto ao Mapa.

“No cenário atual, de preços baixos, a redução da subvenção, caso mantida, será mais um agravante para desmotivar o plantio de trigo, aumentando a importação em detrimento da produção nacional, com perda de renda, divisas e empregos”, aponta o documento assinado pelo presidente da FAEP, Ágide Meneguette.

PROPOSTAS DE PORCENTUAIS E LIMITES DE SUBVENÇÃO DO PSR PARA 2017-2021

Modalidades de Seguro	Grupos de atividades	Tipo de cobertura	Nível de cobertura	Subvenção (%)	Limites anuais (R\$)
Agrícola	Trigo, milho 2ª safra, feijão e frutas	Multirrisco	> 65%	60%	R\$ 72 mil
	Grãos	Multirrisco	> 65%	45%	
		Riscos nomeados*	-----	45%	
	Frutas, olerícolas, café e cana-de-açúcar	-----	-----	45%	
Florestas	Silvicultura (Florestas plantadas)				R\$ 24 mil
Pecuário	Aves, bovinos, bubalinos, caprinos, equinos, ovinos e suínos	-----		45%	R\$ 24 mil
Aquícola	Carcinicultura, maricultura e piscicultura				R\$ 24 mil
Valor máximo subvencionável (CPF/ano)					R\$ 144 mil

*Inclusive trigo, milho 2ª safra





FAEP pede a manutenção de taxa da TEC do cereal

Entidade é contra zerar a tarifa para importações realizadas fora do Mercosul

O presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Menequette, encaminhou no dia 21 de fevereiro ofício a vários ministérios, além da Agricultura, solicitando medidas na cadeia do trigo para que a Tarifa Externa Comum (TEC) se mantenha em 10% nas importações realizadas fora do Mercosul, evitando maiores prejuízos aos produtores brasileiros.

Segundo notícias divulgadas pela imprensa, pleiteia-se a isenção da TEC para as importações provenientes de fora do bloco econômico sul-americano. No entanto, o alto estoque do cereal no Brasil não justifica a implementação dessa medida. “Zerar a TEC será mais um fator de desestímulo à produção nacional, gerando maior dependência de trigo importado na safra seguinte e inflação de alimentos pela menor oferta interna do produto”, destacou Ágide.

De acordo com o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, o aumento das importações de trigo é um dos motivos para o difícil cenário de comercialização do trigo no Paraná,

com porcentual comercializado atrasado em relação à média histórica. Além disso, os produtores rurais estão operando no vermelho, recebendo R\$ 31,83/saca, abaixo do custo de produção que está em R\$ 38,24/saca, segundo o custo variável da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e abaixo do preço mínimo da Política de Garantia de Preços Mínimos (R\$ 38,65/saca). Fatores que levam a necessidade de apoio à comercialização, como vem acontecendo por meio dos leilões de Prêmio para o Escoamento do Produto (PEP) e Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro).

No atual quadro mundial de oferta e demanda de trigo, a produção tem superado o consumo nas últimas quatro safras, levando ao crescimento dos estoques finais e à queda do preço do cereal no mercado internacional. No âmbito nacional, a produção da safra 2016 totaliza 6,7 milhões de toneladas. O Paraná é o maior produtor de trigo no país, com 3,41 milhões de toneladas, segundo a Conab.

Sindicato Rural de Laranjeiras do Sul participa da 13ª ExpoAgro

A 13.ª edição da ExpoAgro, que acontece entre 9 e 12 de março, deve movimentar a agropecuária de Laranjeiras do Sul e municípios da região. O Sindicato Rural estará presente no evento. A entidade irá montar um estande para

atender aos produtores e levar informações das ações e cursos promovidos pelo Sistema FAEP/SENAR-PR.

A programação da ExpoAgro inclui Dias de Campo e o Sindicato Rural irá participar com a presença de um agrônomo para tirar dúvidas, principalmente em relação ao manejo integrado de praga na soja.

“Durante a feira, queremos levar informação e conhecimento das ações do Sistema FAEP/SENAR-PR aos produtores que ali passarem. Também estaremos à disposição para tirar eventuais dúvidas, como por exemplo, do CAR”, destaca o presidente do Sindicato, Miguel Luiz Severino Alves. “Também é uma oportunidade para conseguirmos novos associados.”

Governo suspende importação de café

O governo federal suspendeu temporariamente a importação de café Conilon. A decisão atende ao apelo de produtores e entidades rurais, como a FAEP e a CNA. Levantamentos privados apontam haver estoque suficiente para atender à demanda da indústria cafeeira do país.

A Resolução n.º 15 da Câmara de Comércio Exterior (Camex), publicada no Diário Oficial da União em 21 de fevereiro, autorizou a importação de 1 milhão de sacas de café Conilon até 31 de maio de 2017, com Tarifa Externa Comum (TEC) de 2%. Além disso, a Instrução Normativa n.º 7, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), estabeleceu os requisitos fitossanitários para importação do produto do Vietnã.

Em janeiro, a FAEP se posicionou contrária às importações de café. Para a entidade, a medida permite a

entrada de produtos de países que não possuem normas comparáveis às do Brasil quanto do mercado de trabalho e meio ambiente. Além disso, a entidade chama a atenção para os riscos de pragas. A decisão também prejudica o setor em relação à rentabilidade da cultura.



Medidas contra a gripe aviária

O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, assinou no dia 2 de fevereiro a Instrução Normativa n.º 10/2017, que contém um conjunto de ferramentas para a prevenção da influenza aviária no Brasil. O pacote de medidas deve ser adotado pela indústria brasileira a fim de preservar o status sanitário do país e os produtores terão o prazo de um ano para se adaptar às novas regras.

O Brasil é o único entre os grandes produtores de carne de aves que nunca registrou a doença. O recente surto mundial – que já atingiu países da Europa e da Ásia e o Chile – acendeu um alerta entre as autoridades brasileiras. Governo e representantes do setor estão com campanhas e medidas em prática para evitar a entrada

da doença em território brasileiro. Entre as medidas está a instalação de telas nas granjas para que as aves não tenham contato com patos, marrecos, gansos, perus e pássaros silvestres.



Vinhos finos com DNA paranaense

Produção vinícola se transforma no Estado com introdução de uvas finas europeias. Para ganhar mercado a estratégia continua sendo agregar a produção ao turismo rural

Por André Amorim

Estado marcado culturalmente pela colonização europeia, em especial a italiana, o Paraná tem na história da sua gente a tradição da produção e do consumo de vinhos. Até pouco tempo atrás, as bebidas produzidas em solo paranaense supriam as demandas afetivas dos apreciadores, mas ficavam bem atrás no quesito qualidade quando comparadas a vinhos produzidos com uvas finas, próprias para a vinificação.

Se antes dominavam este cenário os vinhos coloniais ou vinhos de mesa, produzidos com uvas americanas (rústicas), como Bordô, Isabel e outras de vocação discutível para a produção da bebida, hoje temos diversas empresas fabricando vinhos de qualidade reconhecida, que utilizam uvas finas como Cabernet Sauvignon, Merlot, Tannat, Malbec e outras variedades oriundas da Europa utilizadas na produção de vinhos finos.

No Paraná, a maior parte da produção vitícola é de uvas de mesa, que são aquelas destinadas à alimentação. De acordo com o Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento (Seab), em 2015 (último dado disponível) foram produzidas 66,3 mil toneladas da fruta, sendo 18,8 mil toneladas destinadas à vinificação (produção de vinhos, sucos e geleias). A área total destinada a uvas no Estado naquele ano foi de 4,4 mil hectares, sendo que a área destinada ao cultivo de uvas para vinificação foi de 1,8 mil ha. Neste dado não há distinção entre uvas americanas (rústicas) e uvas finas.

Nos últimos anos, a área destinada à fruta encolheu no Estado. Entre 2006 e 2015 o espaço reduziu 23%. A queda mais acentuada se deu nos parreirais destinados à produção de uva fina de mesa.

De acordo com o engenheiro agrônomo responsável pelo setor de fruticultura do Deral, Paulo Andrade, nosso clima torna possível cultivar uva em praticamente todas as regiões do Estado. “Só não se cultiva uva no litoral”,

afirma. A produção geral de uvas concentra-se na região de Maringá, onde está a cidade de Marialva “capital da uva fina”. Esta região responde por 34% da produção estadual, em seguida vêm as regiões de Cornélio Procopio, com 15%, e Francisco Beltrão, com 9%.

De acordo com o Panorama da Vitivinicultura elaborada pela Embrapa Uva e Vinho, em 2015 foram produzidas no Brasil 1.499.353 toneladas da fruta, montante 4,41% maior do que o produzido no ano anterior. Naquele ano, a maior redução de área registrada no país ocorreu no Paraná, onde a área dos parreirais encolheu cerca de 14% em relação a 2014. Se de um lado a quantidade de uvas produzidas está caindo, por outro é possível notar uma busca maior pela qualidade das variedades cultivadas no Estado.

Vinho e tradição

Foi a busca da qualidade que motivou Ambrósio Fardo a investir na produção de vinhos finos. Neto de italianos, o gaúcho de 66 anos lembra com emoção do vinho produzido pelo avô e pelo pai no Rio Grande do Sul. “Quis fazer aqui o vinho que ele fazia”, conta com saudade.

À frente da vinícola Família Fardo, localizada em Quatro Barras, na Região Metropolitana de Curitiba, ele e a esposa Justina vêm, ano a ano, aprimorando a produção de vinhos e outros produtos como espumantes, suco de uva e grappa (destilado de bagaço de uva). “As nossas parreiras aqui são só pra bonito”, afirma referindo-se às parreiras de uvas americanas que enchem os olhos (e a barriga) dos visitantes da vinícola. Para a produção do vinho, ele traz uvas vitícolas (finas) de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e São Joaquim, no Rio Grande do Sul. A operação não é barata, uma vez que as frutas precisam viajar mais de 600 quilômetros em carretas refrigeradas. “Se botar na ponta do lápis, não compensaria, o



Ambrósio: “Eu queria fazer um vinho de qualidade, igual ao que meu avô fazia”



Adur: produção das próprias uvas para vinificação e rótulos premiados em concurso

que leva a gente pra frente é a teimosia”, diverte-se.

Atualmente a Família Fardo produz cerca de 30 mil litros de vinho por ano. A produção é vendida em restaurantes e supermercados da região, além da loja instalada junto à vinícola. No cardápio, vinhos de uvas finas como Cabernet Sauvignon, Merlot, Malbec, Tannat e outras. O alvo primário, segundo ele, é o consumidor de Curitiba, calejado dos vinhos coloniais da região. “Temos que trazer o curitibano pra cá e mostrar que temos qualidade”, afirma Fardo. Entre as estratégias para isso está a construção de um restaurante junto à vinícola com capacidade para 300 pessoas. Assim como em outros empreendimentos semelhantes, o turismo rural – ou enoturismo (turismo do vinho) – é a aposta para viabilizar o negócio. No local, os visitantes podem fazer passeios junto à natureza, visitas guiadas e degustações.

Para buscar uma tentativa de sustentabilidade, ele testou o desenvolvimento de 16 variedades de uvas finas na propriedade. “A uva vinha bonita, mas não tinha açúcar”, conta ele referindo-se ao baixo grau brix dos frutos produzidos, que indica a quantidade de açúcares nas bagas, fundamentais para elaboração de uma boa bebida.

Uma destas experiências envolve uma variedade grega bastante exótica, que Ambrósio cuida com grande entusiasmo. Quando questionado por que escolheu esta variedade, ele responde: “Porque essa aqui ninguém tem”.

União para crescer

Para fomentar o consumo e divulgar a produção de vinhos finos foi fundada em 2015 a Associação dos Vitivinicultores do Paraná (Vinopar). A estratégia é aliar a produção ao turismo rural, fazendo das vinícolas locais para lazer.

Um dos frutos deste trabalho foi a elaboração de um roteiro na Região Metropolitana de Curitiba para divulgar um novo polo do enoturismo que se formou há alguns anos, composto primeiramente por oito vinícolas, entre elas a Família Fardo.

Outra integrante deste grupo que se destaca pela produção de uvas finas é a Vinícola Araucária, localizada em São José dos Pinhais. A assistência técnica e tecnológica permitiu o plantio de uvas vinícolas europeias. Segundo o sócio administrador da Araucária, Renato Adur, o projeto começou em 2007 e neste ano completa um ciclo importante com a utilização das uvas cultivadas na propriedade para a produção de vinhos e espumantes. Até então, a produção era complementada com uvas trazidas do Rio Grande do Sul. “Hoje só vinificamos com uvas paranaenses, que trazemos de Toledo, Bituruna, Palmeira e Campo Largo”, afirma.

Na propriedade de 220 hectares, 5,2 ha são ocupados por parreiras, que produzem cerca de 30 mil toneladas anuais da fruta. As uvas que mais se adaptaram à região foram a Chardonnay, Cabernet Frank e Merlot. Segundo Adur, os agrônomos da vinícola notaram que existe um microclima na região propício ao cultivo destas variedades. “É de três a quatro graus mais frio no inverno e três a quatro graus mais quente no verão”, diz.

Os frutos da produção já começaram a aparecer. Dois rótulos da Araucária foram premiados na Grande Prova Vinhos do Brasil 2014-2015, uma das principais competições brasileiras, promovida pelo Grupo Baco do Instituto Brasileiro do Vinho (Ibravin), na qual concorreram mais de 700 rótulos de todo país. O tinto Angustifolia conquistou ouro na categoria Merlot. A medalha de prata foi atribuída ao branco Angustifolia, na categoria Branco Chardonnay.

“Nossa ideia é mostrar que Curitiba e região têm capacidade de elaborar vinhos finos com suas próprias características regionais”, diz Adur.

Das cerca de 30 mil garrafas produzidas por ano, 40% são vendidas na própria vinícola e 60% são comercializadas em supermercados, restaurantes e adegas de Curitiba e São José dos Pinhais.

Apostando no turismo, a vinícola Araucária inaugurou em 2015 um restaurante com capacidade para 180 pessoas, e este ano já iniciou a construção de chalés para hospedar os visitantes. Na propriedade também há um lago com passeios de pedalinho e outras estruturas de lazer. “Sem o enoturismo, a produção não se sustenta”, sentencia Adur.

Dificuldades

Uma das principais dificuldades da produção de vinhos finos no Paraná está na mentalidade do público consumidor. “Os curitibanos não confiam em um vinho feito em Quatro Barras”, observa Ambrósio Fardo. Na sua opinião, a primeira coisa que deve mudar para alavancar o consumo dos vinhos de DNA paranaense é convencer o consumidor que bons vinhos não são exclusividade de outros países ou outros estados brasileiros.

Também pesa contra essa mudança de mentalidade a tradição da produção de vinho de baixa qualidade no Estado. “Antes os roteiros das vinícolas só tinham vinhos coloniais, agora é um novo Paraná”, afirma Adur.

No que se refere à cadeia da uva no Estado, as dificuldades são mais numerosas. Na visão do presidente da Cooperativa Agroindustrial de Viticultores de Marialva, Bento Gallo, falta articulação entre os agentes públicos e produtores. “Faz dez anos que estamos brigando para ter turismo rural na nossa região. Falta lazer, falta hotéis, falta infraestrutura”, observa. Outra dificuldade, segundo ele, é o custo alto de mão de obra, uma vez que a colheita de uva é toda manual. Ele mesmo está deixando a produção de uva, depois de décadas de atividade. “Ano passado diminuí bastante a atividade na região, não sabemos mais onde vai parar”, lamenta.

Também o produtor Albino Corazza, de Toledo, mostra desânimo com a atividade. A falta de mão de obra e o problema com as derivas de agroquímicos utilizados na soja seriam alguns dos principais motivos que o levaram a reduzir a área cultivada com a fruta de 4 hectares para 2,5 ha. Assim como Gallo, ele também vê na falta de articulação um gargalo. “Falta uma força política para ser o indutor desta cultura”, observa.

No ano passado, a Frente Parlamentar

de Apoio à Cadeia Produtiva da Uva, formada por deputados estaduais paranaenses, realizou uma série de audiências públicas para levantar os principais entraves nas diferentes regiões produtoras do Paraná. Segundo o coordenador da Frente, o deputado Evandro Araújo (PSC), as demandas variam de região para região. “Em Rosário do Ivaí, a demanda era para seguro contra granizo, no Oeste, a vigilância sanitária é muito severa com os pequenos produtores de vinho colonial”, exemplifica.

De forma geral, a indústria de vinhos sofre com os altos tributos estaduais que incidem sobre a compra de uvas finas em outros estados. “Perdemos muito em competitividade por conta da alíquota do ICMS e da substituição tributária. Assim fica muito caro comprar o vinho paranaense”, afirma Araújo.

Mas as mudanças já começam a surgir. Dentre as demandas levantadas pela Frente Parlamentar, duas delas já obtiveram resultados concretos. Segundo Araújo, o governo do Estado anunciou recentemente o subsídio para a aquisição de um plástico especial para proteger os parreirais de um grupo de 30 produtores de Marialva. Em Rosário do Ivaí, que trazia como principal dificuldade o alto custo do seguro contra granizo, foi confirmado um subsídio do governo federal de 45% do valor total do seguro, enquanto a parte que caberia ao produtor recebe subsídio de 50% do governo do Estado. “Foram os únicos acenos positivos. Ainda há muito para fazer ainda”, pondera o parlamentar.



Barris de carvalho europeu para produção de vinhos finos na vinícola Araucária

FAEP é contra redução de recursos para o Sebrae

Verba seria destinada, por meio de uma Medida Provisória, para a criação de uma agência de promoção internacional de turismo



O presidente da FAEP, Ágide Menequette, encaminhou no mês de fevereiro um ofício ao presidente Michel Temer se posicionando contra à possibilidade de redução de recursos do Sebrae. De acordo com o Conselho Estadual da entidade, uma Medida Provisória (MP) estaria sendo editada prevendo a criação de uma agência de promoção internacional do turismo. E, para isso, parte do orçamento do Sistema Sebrae seria destinada para essa finalidade.

“Caso isso ocorra, a MP irá na contramão da situação das pequenas e microempresas, que têm registrado taxas altas de mortalidade em razão da crise econômica. Mais do que nunca, essas empresas precisam do apoio do Sebrae, que já registra queda

na arrecadação por conta da recessão”, ressalta Ágide.

Ainda de acordo com o Sebrae, confirmando a redução dos recursos, o trabalho de fomento de atividades envolvendo empreendedorismo e a competitividade empresarial serão comprometidas. Para piorar a situação, isso poderá ocorrer num momento no qual o número de pequenos negócios aumenta significativamente, como alternativa para parte dos 12 milhões de desempregados atualmente no país.

Turismo

No Paraná, o Sebrae já tem um histórico de apoio ao turismo. Há 20 anos, a entidade desenvolve projetos

na área, permitindo que empresários possam participar. Ainda a instituição mantém parceria com órgãos oficiais, como a Secretaria de Turismo do Paraná, para a execução das políticas públicas envolvendo a atividade.

Um viés que o Sebrae mais trabalha é o chamado turismo de negócios e eventos, por meio do projeto Paraná MICE (Meeting, Incentive, Congress and Exhibitions), criado há três anos. Somente em 2015, segundo dados do Paraná Turismo, 15 milhões de turistas circularam pelo Estado por conta do programa.

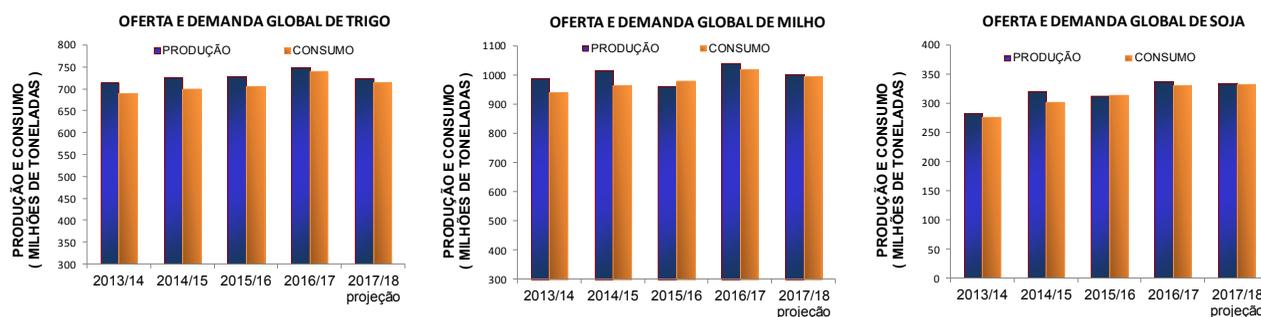
Outro projeto criado pelo Sebrae, no mesmo ano, é o Selo de Qualidade do Turismo. A iniciativa tem como estratégia estimular o Paraná como um destino de férias e lazer.

Mais soja e menos milho na safra dos EUA

Por Tânia Moreira Alberti, economista - DTE/FAEP

Os agricultores norte-americanos vão semear mais soja e mais algodão, menos trigo e menos milho na temporada 2017/18. Esses são os primeiros dados da nova temporada americana, revelados durante o Agricultural Outlook Forum, evento promovido pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Segundo o economista Robert Johansson, do USDA, nos últimos quatro anos foram registradas elevadas produções mundiais, que ultrapassaram o consumo mundial para os grãos e oleaginosas. Embora o consumo mundial tenha crescido, os estoques mundiais também cresceram, notadamente para o trigo, e isso contribuiu para que os preços da commodities diminuíssem significativamente nos últimos anos.



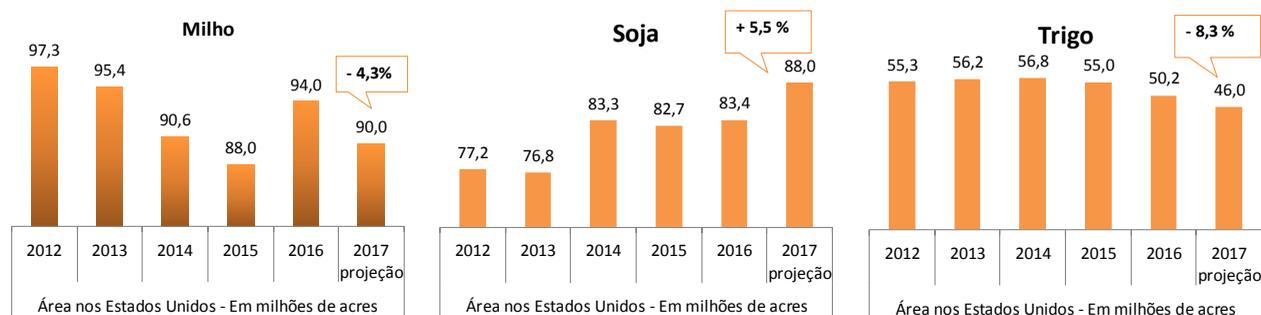
Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP.

Como resultado, a renda agrícola das fazendas norte-americanas caiu quase 30% em termos reais desde 2013. Nesses últimos quatro anos a queda da renda é a maior em uma série histórica de 40 anos. A relação entre dívida e ativos das fazendas, mostram como os produtores estão vulneráveis aos baixos preços.

Além do crescimento dos estoques, o fortalecimento do dólar tornou o país menos competitivo no mercado mundial, resultando em exportações menores que o esperado. Apesar disso, o USDA ainda prevê modestos aumentos de preço para a próxima temporada, mas que devem ficar bem abaixo dos máximos obtidos entre 2012-2014.

A projeção do preço da soja é de US\$ 9,60 por bushel para 2017, 1,1% acima do preço em 2016, mas 35% abaixo do máximo de 2012. A projeção para o preço do milho é de US\$ 3,50 por bushel. Como na maior parte de fevereiro as cotações dos futuros da soja, comparados ao do milho, resultaram em uma razão de 2,6, a relação mais favorável para a soja desde 2007, o USDA prevê um aumento de 5,5% na área de soja.

Assim a área de soja é projetada para 88,0 milhões de acres (35,61 milhões de hectares), a maior área desde 2012. A área de milho é projetada para 90,0 milhões de acres (36,42 milhões de hectares) com redução de 4,3% em relação ao ano passado, a menor área desde 2015. Já a área de trigo tem projeção de cair 8,3%, para 46,0 milhões de acres (16,42 milhões de hectares).



Fonte: USDA. Elaboração: DTE | Sistema FAEP.

Essas são as primeiras estimativas do USDA, mas o clima, as mudanças nos preços e os custos dos insumos até o plantio é que determinarão a área final cultivada. O plantio da soja tem início a partir de abril, e o de milho, a partir de março.



SÃO MATEUS DO SUL

MOTOSSERRA

O Sindicato Rural de São Mateus do Sul promoveu, entre os dias 5 e 9 de dezembro de 2016, o curso Trabalhador na Operação e Manutenção de Motosserra – Corte Polivalente de Árvores. Participaram cinco pessoas com o instrutor Emerson Massoqueto Batista.



CAMPINA DA LAGOA

INCLUSÃO DIGITAL

O Sindicato Patronal de Campina da Lagoa, em parceria com a Prefeitura de Altamira do Paraná, realizou, de 31 de janeiro a 4 de fevereiro, o Programa de Inclusão Digital – Introdução à Informática – Word, Excel, E-mail e Internet. Participaram 15 pessoas com a instrutora Tania Dirlene Ratz Gerstnera.



CIANORTE

CARREGADORA DE CANA-DE-AÇÚCAR

O Sindicato Rural de Cianorte promoveu, entre os dias 6 e 10 de fevereiro, o curso Carregadoras de Cana-de-Açúcar. Participaram 12 trabalhadores rurais com o instrutor Osmar Alves.



PORECATU

AGROTÓXICOS

O Sindicato Rural de Porecatu promoveu, entre os dias 1º e 3 de fevereiro, o curso Aplicação de Agrotóxicos NR 31.8. Participaram 15 pessoas com o instrutor Aeslandio Antonio Figueira.



ANDIRÁ

CONSERVAÇÃO DE SOLO

O Sindicato Rural de Andirá promoveu, nos dias 1º, 2, 3 e 13, 14 e 15 de fevereiro, o curso Trabalhador no Cultivo de Grãos e Oleaginosas – Manejo e Conservação de Solo. Participaram nove pessoas com o instrutor Antonio Felipe Domskey dos Reis.



DOIS VIZINHOS

MÉTODOS OPERACIONAIS

O Sindicato Rural de Dois Vizinhos, em parceria com a Pluma Agroavícola Ltda, iniciou nos dias 14 e 15 de fevereiro, duas turmas do curso Gestão de Pessoas – Métodos Operacionais. Participam 14 pessoas em cada turma com o instrutor Josias Schulze.



TIBAGI

MOTOSSERRA

O Sindicato Rural de Tibagi promoveu, entre os dias 13 e 17 de fevereiro, o curso Motosserra – Corte Polivalente de Árvores. Participaram quatro pessoas com instrutor Laércio Jorge Kubiak.



PARANACITY

VEÍCULOS EMERGENCIAIS

O Sindicato Rural de Paranacity promoveu, entre os dias 6 e 10 de fevereiro, o curso Condutores de Veículos Detran – Condutores de Veículos Emergenciais. Participaram 25 pessoas com o instrutor Rovani Dutra.

VIA RÁPIDA

Avó desdentada

Em Sarandi (Noroeste do Estado) uma senhora quase perdeu a dentadura para o neto. O rapaz tentou roubar a mulher de 81 anos para vender os seis dentes de ouro que estavam na prótese.



Conversa com mortos

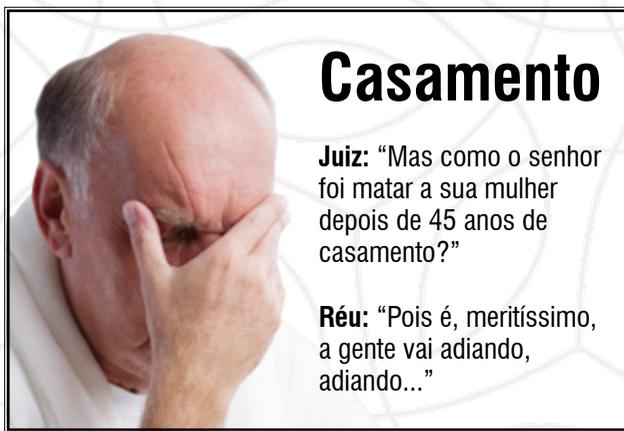
Após perder um amigo, Eugenia Kuyda, uma imigrante russa de 30 anos, que vive nos Estados Unidos desde 2013, criou um aplicativo capaz de manter as conversas entre amigos, ao menos no ambiente virtual, mesmo depois de mortos. O programa de computador Roman – uma homenagem ao amigo morto – permite recordar a história de vida do falecido por meio das palavras do próprio.



Casamento

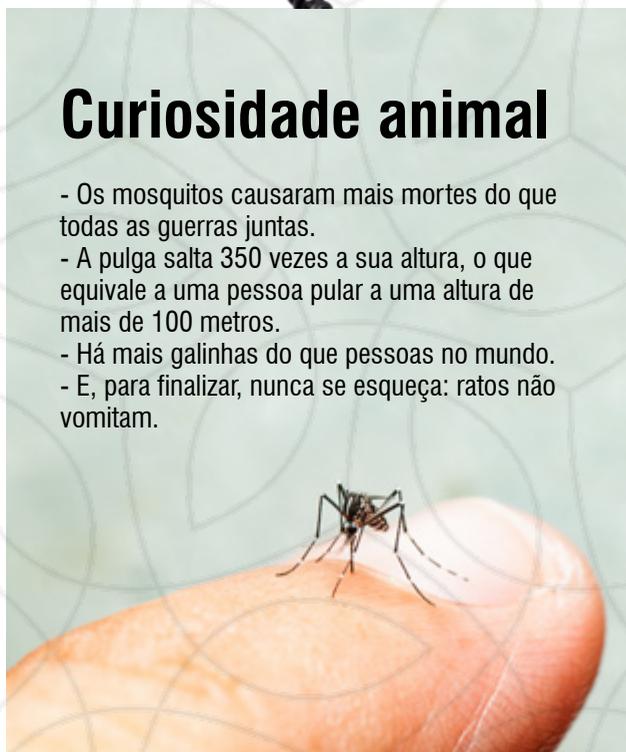
Juiz: “Mas como o senhor foi matar a sua mulher depois de 45 anos de casamento?”

Réu: “Pois é, meritíssimo, a gente vai adiando, adiando...”



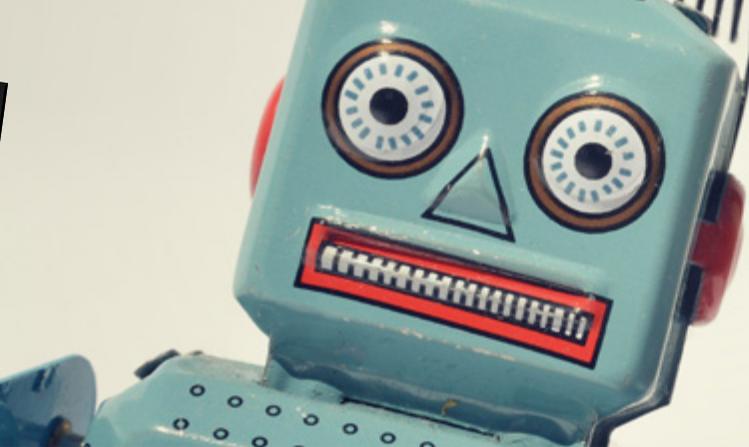
Curiosidade animal

- Os mosquitos causaram mais mortes do que todas as guerras juntas.
- A pulga salta 350 vezes a sua altura, o que equivale a uma pessoa pular a uma altura de mais de 100 metros.
- Há mais galinhas do que pessoas no mundo.
- E, para finalizar, nunca se esqueça: ratos não vomitam.



Dormir faz bem

Segundo uma pesquisa norte-americana realizada com idosos, dormir bem pode prevenir o Alzheimer. O estudo analisou os padrões de sono de um grupo de adultos com mais de 70 anos de idade e descobriu que aqueles que dormiam menos e tiveram um sono ruim tinham níveis mais elevados de beta-amilóide, uma placa no cérebro indicativa da doença de Alzheimer.



Sexo no futuro

Em 2050, o sexo com robôs será mais comum do que com humanos. Assustador? A informação está no artigo “Relatório sobre o Futuro do Sexo: A Ascensão dos Robossexuais”, do futurólogo inglês Ian Pearson.

Lógica de engenheiro

Em um julgamento de divórcio, o casal briga pela guarda do único filho. A mãe, muito emocionada, tenta se defender:

“Meritíssimo juiz... Esta criança foi gerada dentro de mim... Carreguei ela durante nove meses... Ela saiu do meu ventre... Eu mereço ficar com ela!”

O juiz, emocionado e quase convencido, passa a palavra para o marido, que é engenheiro, que resolve usar o seu lado lógico.

“Senhor juiz, tenho apenas uma pergunta: Quando eu coloco uma moeda em uma máquina de refrigerantes, a latinha que sai é minha ou da máquina?”

Notícias falsas

Cada vez mais estão ganhando espaço nas redes sociais as “fake news” (notícias falsas), principalmente quando se trata de temas polêmicos como política. Exemplos recentes foram as notícias difundidas contra os candidatos nas votações do ano passado no Reino Unido e nos EUA.

Fofocas não são novidades digitais. Já, no século 6, o grego Procópio de Cesaréia escreveu Anekdotia, com histórias que ele inventou sobre o imperador bizantino Justiniano e sua esposa Teodora.

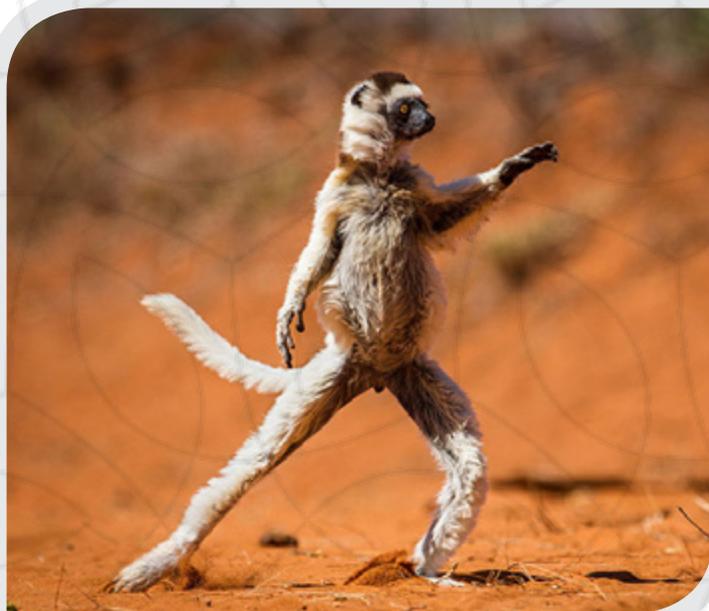


UMA SIMPLES FOTO



Coração

O primeiro transplante de coração foi realizado pelo cirurgião sul-africano Christiaan Barnard. Este ano comemora-se meio século de sua realização. O procedimento só não se tornou corriqueiro pela falta de doadores.





NUNCA É TARDE PARA RECOMEÇAR



Aos 5 anos, seu pai morreu.
Aos 16 anos, abandonou a escola.
Aos 17 anos, ele já tinha perdido quatro empregos.

Aos 18 anos, se casou.

Aos 19 anos, teve uma filha.

Aos 20 anos, sua esposa o deixou. Depois disso tornou-se cozinheiro em um pequeno café e convenceu sua mulher a voltar para casa.

Aos 65 anos, ele se aposentou com 105 dólares no bolso, após exercer várias profissões.

Sentia-se fracassado e decidiu cometer suicídio. Foi quando sentou para escrever a sua despedida, mas ao invés disso, escreveu o que ele teria feito com sua vida. Percebeu que era insuperável em uma área, cozinha. Então, pegou emprestados US\$

87, fez sua receita especial de peru e foi de porta em porta vender. Começou oferecendo aos vizinhos.

Passou dois anos morando dentro do carro, viajando por várias regiões dos Estados Unidos, para vender uma franquia de frango frito. Nesse período, ele recebeu 1.009 não.

Esse homem é o Coronel Sanders, fundador de uma das maiores redes do mundo de fast food, a Kentucky Fried Chicken, conhecida como KFC.

Em 1964, a KFC tinha mais de 600 restaurantes, quando ele vendeu a rede por 2 milhões de dólares. Hoje, são mais de 5 mil estabelecimentos espalhados por 120 países, 12 milhões de clientes por dia e cerca de 1 bilhão de pedaços de frango servidos por ano.

Sua receita à base de 11 ervas e

especiarias é um dos mais bem guardados segredos culinários do mundo. A receita original manuscrita estaria em uma caverna em Louisville, no Kentucky. Cópias parciais foram colocadas em outros locais.

A companhia afirma que os fornecedores dos temperos só entregam uma parte da receita, ignorando a identidade uns dos outros. Afirma ainda que sequer o presidente da empresa conhece a lista de ingredientes, e que as poucas pessoas que a conhecem são obrigadas a assinar um acordo de confidencialidade. O mito do "ingrediente secreto" é uma das pedras basilares da marca.

Moral da história: Só você pode impedir seus sonhos.



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
Av. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- Mudou-se
- Desconhecido
- Recusado
- Endereço insuficiente
- Não existe o nº indicado
- Informação dada pelo porteiro ou síndico
- Falecido
- Ausente
- Não procurado

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ___/___/___
Em ___/___/___

Responsável _____

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

•FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

•SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

